Alguma ausência | Marcelo Calderari Miguel

Pediram meu retrato, queriam minha moldura,
mas nomear não é neutro: é fronteira e censura.
Antes da estante erguida, há recusa escondida,
antes da ordem escrita, há memória partida.
Toda lista começa na ausência que perdura.

Uns guardam acervos vastos, outros só vestígios,
meu patrimônio inicial foi perder privilégios.
Indexei silêncios, registrei apagamentos,
até notar que a fome também cria inventos:
distribui o futuro conforme seus registros.

Disseram: comunica. Depois: organiza.
Mas quem governa a língua? Quem dita a divisa?
Todo índice aproxima, mas também distancia,
cada palavra ilumina e projeta ignorância.
Nomear é decidir quem respira na brisa.

O bibliotecário guarda o fio da memória,
o arquivista enfrenta erosão sem vitória,
o museólogo indaga quem ficou sem vitrine,
entre caixas e estantes, o poder se define:
restaura versões frágeis, desmonta toda história.

Chamam mérito a herança sem memória viva,
chamam talento o privilégio que se cultiva.
A largada nunca conheceu igualdade:
uns recebem caminhos, outros só disparidade,
depois chamam destino aquilo que foi medida.

Disseram: chegaste tarde. Sorri em silêncio.
O relógio não cabe no pulso sem vencimento.
Uns contam horas, outros contam distâncias,
toda demora tem engenheiro nas instâncias,
toda pressa nasce do privilégio sedento.

Quando a ciência ergueu o fôlego do mundo,
mediram seu preço, esqueceram seu fundo.
Cortaram raízes para colher o futuro,
quem reduz o saber ergue o muro mais duro:
ignorância também governa em tom profundo.

A História não perde seus papéis mais antigos,
perde primeiro leitores, silencia seus amigos.
Toda memória disputa o direito de existir,
todo silêncio aprende a fingir e persistir,
o esquecimento escreve com múltiplos abrigos.

Entrei na biblioteca buscando respostas,
saí lendo perguntas nas margens dispostas.
Nenhuma estante repousa fora da escolha,
todo acervo revela o que protege e acolha,
alguma ausência denuncia as vozes impostas.

Hoje entendo por que pediram currículo:
não quem fui, mas onde caberia o vínculo.
Recusei prateleira, desfiz a etiqueta,
porque classificar não é só gaveta:
é destino que pesa, silêncio que repleta,
é memória que arde, futuro que acarreta.